

O retorno a um passado cintilante

Em uma das cenas iniciais de **Potosi, a Jornada**, o diretor israelense Ron Havilio ouve em uma conversa familiar o conselho de não voltar à cidade boliviana que conheceu nos anos 70 e que dá título ao filme. “Mantenha as impressões de sua memória e das fotografias que você e sua mulher fizeram, pois as coisas mudaram muito”, justifica uma amiga da família. Naquela altura, no entanto, Havilio e sua mulher Jacqueline já estavam determinados a desafiar as lembranças guardadas por trinta anos da viagem realizada pelos Andes, especialmente as relacionadas a Potosi. No caminho até Cuzco, no Peru, saídos de Buenos Aires, onde se casaram, os dois depararam com a cidade hoje esquecida, mas muito rica e importante no século XVII por causa da prata extraída de suas montanhas pelos indígenas. A visão foi impactante para o casal e a vontade de voltar persistiu, até que finalmente ganhou forma há alguns anos com o projeto de um documentário que uniria passado e presente, inclusive no que diz respeito à família de Havilio. Ele e a mulher retornaram à cidade da prata, agora acompanhados das três filhas e de uma câmera de filmar, em vez de uma máquina fotográfica.

O resultado, mais do que um filme, é uma obra maior em que convergem a memória pessoal e afetiva do diretor e de sua mulher – comentada por ambos e visualizada nas fotografias em preto-e-branco –, a história cultural de um povo e o reflexo desses componentes na atual configuração da família protagonista. A intenção fica clara nas duas partes que somam quatro horas de filme: a primeira é dedicada ao percurso da viagem propriamente dita, e a seguinte, voltada aos personagens que a atravessaram. “A diferença é que no primeiro bloco há uma confluência da nossa história familiar e da primeira viagem a Potosi com a visão de novos membros da minha família, no caso minhas filhas; já a segunda parte estende um olhar mais intimista, que busca hoje os personagens que conhecemos no passado”, explica Havilio em entrevista para a **Mostra**. “A viagem também foi uma oportunidade para que todos nós, eu, minha mulher e minhas filhas, ficássemos juntos novamente, partilhássemos de um tempo em comum, o que há muito não acontecia”.

Para o espectador, a empreitada dos Havilio chega como um diário de viagem em forma cronológica, a partir do momento em que a família de Jacqueline se radicou em Buenos Aires, a mudança dela para Israel, o casamento na capital argentina e então a viagem. A câmera de Havilio flagra as várias etapas do retorno à Argentina e o encontro com familiares, as opiniões e observações dos envolvidos, enquanto as antigas fotografias contextualizam o objetivo maior do documentário. Esse procedimento de Havilio, que muitas vezes deixa a câmera aberta num cenário íntimo colhendo comentários, gestos e situações rotineiras de sua família, tem influência direta do também realizador independente David Perlov (1930-2003).

Perlov, nascido no Rio de Janeiro e criado em São Paulo, realizou em vários momentos de sua trajetória – também em Paris e Israel – um projeto batizado **Diários**. Foram seis filmes rodados ao longo de dez anos e exibidos na **30ª Mostra**. Perlov foi professor de Havilio na faculdade de cinema. “Ele foi uma figura extremamente importante para mim. Ensinou-me que é possível realizar um filme estritamente pessoal, sem se importar com tendências, mercado ou glamour”, lembra Havilio. “O cinema dele revela que é possível expressar na tela uma vida em particular, os sentimentos pessoais, uma história só sua, e ainda assim fazer tudo isso interessante aos outros. E essa é uma opção difícil e perigosa, na qual ele se saía muito bem”.

Havilio reconhece sua dívida com os ensinamentos de Perlov, mas aponta algumas diferenças entre seu estilo e o de seu mestre: “Perlov improvisava mais, seu cinema é o da espontaneidade; o meu cinema é mais organizado, estruturado, não conto com o acaso”. O diretor também acredita que seus filmes – realizou os documentários **Diary e Fragments Jerusalem**, saga de uma década sobre a cidade em que nasceu – propõem um conflito que não há no cinema de Perlov: “Procuro mostrar um embate entre caos e realidade, sempre a partir do ponto de vista pessoal, o mais próximo possível do individual”. Havilio exemplifica com uma das passagens mais significativas do documentário, quando ele e sua filha descem ao interior de uma mina e passam a conversar com os mineiros, tanto homens que trabalham ali há quatro décadas quanto jovens de 14 anos e há sete no ofício: “Enquanto eles estão completamente habituados, nós fomos ficando

aos poucos incomodados de estar naquele lugar fechado e sufocante; pode-se ouvir minha filha pedindo para sair dali”.

A mesma atenção dada a um personagem ou situação específica na mina é vista em outros momentos do filme, especialmente quando Havilio flagra as festas locais ou parte em busca de algum personagem que fotografou na viagem anterior. “O que me interessa é colher um fragmento do cotidiano; é isso que fizeram os pintores (Johannes) Vermeer e (Jean-Baptiste-Siméon) Chardin, por exemplo, de quem vocês aqui em São Paulo têm telas maravilhosas no MASP”, disse, referindo-se ao artista holandês e francês, respectivamente. No primeiro bloco do filme, o realizador não encontra as pessoas da foto. Mas no segundo, com uma procura mais acurada e vagarosa, ele descobre, por exemplo, uma senhora que foi registrada ainda jovem num enterro. “Isso me interessa também, trabalhar com muitos tempos; é outro fator que me distancia de Perlov, que se fixa no presente”, diz. E complementa: “Esses personagens que eu reencontro no filme representam o momento em que os tempos se tocam”. Equilíbrio que o cineasta também traz à tona quando aproxima a cidade, que um dia já foi rica, da pobreza atual: “É a relação norte-sul, no sentido metafórico, que rege boa parte de nosso mundo. Se você quiser uma representação do que foi a destruição pela ocupação espanhola é só ir a Potosi”.

Atualmente, Havilio está trabalhando em uma terceira parte do filme, que registra o que aconteceu depois dessa aventura em Potosi. “É uma situação em dois eixos: de um lado, estávamos eu e minha mulher, que veio de Israel, numa temporada em Paris para fazer a montagem do filme; de outro, voltei à Bolívia para buscar minha filha Yael, que havia permanecido lá por um ano; essa condição de estarmos fora de nossa terra me fez pensar sobre o exílio e é sobre isso a parte final do projeto”, explicou.

Orlando Margarido, Jornal da Mostra, 540, 28.10.2007
31 Mostra internacional de cinema, São Paulo International Film